

MARIA REGINA, PARA SEMPRE UMA ESTRELA-GUIA

Claudio Salvadori Dedecca

Nestes últimos meses, uma rede de pessoas acompanhou com crescente tristeza as dificuldades que Maria Regina encontrou com sua doença. Nos momentos de maior incerteza, ela se isolou, como faria qualquer um de nós. Naqueles de esperança, dividiu conosco suas pequenas alegrias.

Infelizmente, foi única a oportunidade que tive de vê-la olhando esta pequena janela de esperança. Em outra situação, em visita a Belo Horizonte, ela já se encontrava em mais um período de reclusão.

Com certeza não podemos ter a dimensão da dor que ela sofreu, esperamos somente que ela tenha sido amparada pelos amigos com o carinho que merecia e que o sofrimento não tenha sido demasiado.

Mas não escrevo para falar de sua morte, que nos toca tanto. Mas de uma pessoa que teve grandeza moral e ética durante toda sua vida.

Conheci Maria Regina no final dos anos 70. Eu estudante e ela professora de economia. Ambos na militância política em favor de um país mais democrático e justo. Ali começou minha admiração por ela. Sua liderança era nata.

Após vários anos, voltei a encontrá-la nos Encontros da Anpec. Lembro especialmente de um, em Curitiba. Eu engatinhava pela vida de pesquisador, enquanto ela tinha já sua trajetória consolidada. Sempre recordo de um jantar no Bolonha, com a presença da Cristina Cacciamali, que permitiu ampliar minha admiração por sua pessoa. Sua generosidade era imensa.

Ainda nos anos 80, tive uma outra oportunidade de aumentar esta admiração. Em um encontro de Economia Mineira, em Diamantina. Aproveitei da sabedoria coletiva que ela, o João Antonio e o Paixão, também uma grande perda, transbordavam a cada momento de convívio.

O convívio com sua sabedoria se tornou mais permanente desde 1996. Num primeiro momento durante sua coordenação do Instituto de Relações de Trabalho da PUC-Minas e depois na gestão da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET).

Todos estes momentos mostraram a grandeza de Maria Regina, sempre incentivando a nova geração e lutando por questões de interesse coletivo. Em todos eles, perguntando que país é este e que país queremos. Jamais barganhando princípios éticos e morais por ganhos pessoais e, em geral, efêmeros. Como economista, sempre articulando a teoria à herança histórica e cultural perversa do país. Dedicou sua vida profissional e pessoal para a mudança do país, na esperança de maior justiça e menos desigualdade.

Infelizmente, os últimos tempos não corresponderam ao esforço que ela realizou. No final de 2003, estive em uma defesa de dissertação sob sua orientação. Durante o almoço, na presença de vários jovens pesquisadores sob sua influência, ela manifestou sua dor pessoal: estamos perdendo uma chance histórica de mudar o país e minha geração não terá a oportunidade de presenciar uma outra. Era evidente que aquela lutadora encontrava-se claramente combatida. Saí de Belo Horizonte duplamente deprimido. Primeiramente, porque aquela estrela-guia, ao perder brilho, escurecia também meu caminho. E, também, porque considerava injusto que a política dos interesses imediatos massacrasse com tamanha maldade uma trajetória de vida em favor da ética e dos interesses coletivos.

Esta dor foi ampliada no primeiro semestre de 2004, quando fiquei sabendo de sua doença. Minha dor é certamente muito pequena, se comparada àquela que ela enfrentou no final de sua vida. Mais uma vez, ela se mostrou uma batalhadora. Mesmo que triste, continuou a nos ensinar. Mostrou ser ainda nossa estrela-guia, que mesmo ausente continuará sendo nossa luz de esperança e de inspiração.